

## **IV JORNADAS DE TIMOR DA UP**

### **TEMA IV**

#### **FORMAS DE ALCANÇAR A PAZ E PREPARAR O FUTURO**

*Adalberto dos Santos Fernandes Alves*

Papel das Várias Componentes da Resistência

## IV-- JORNADAS

### COMUNICAÇÃO

\_\_T E M A : PAPEL DAS VÁRIAS COMPONENTES DA RESIS-  
TENCIA.

\_\_ RESISTENCIA ~~ARMADA~~.

A resistência Armada é a alicerce de toda a Resistência à ocupação, composta por guerrilheiros das FALINTIL que anteriormente era o braço armado da FRETILIN e desparterizado pelo líder máximo da resistência em Dezembro de 1988, os guerrilheiros passam a actuar como Exército Nacional de Libertação

A resistência Nacional de Timor-Leste é dirigida por um Órgão suprapartidária-CONCELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA MAUBERÊ (CNRM) fazem parte o comando das FALINTIL e COMISSÃO DIRECTIVA da FRETILIN (CDF) Presidido pelo companheiro KAY RALA XANANA GUSMAO que é simultaneamente comandante das FALINTIL. Em 1975 até 1978, isto é, após a invasão em Dezembro até as primeiras campanhas de cerco e aniquilamento, no plano militar verifica-se um desequilíbrio de forças no terreno porque a Indonésia dispõe na altura um maior número de efectivos com belicidade sofisticada estimando na altura uma correlação de 1/5 (um guerrilheiro para 5 soldados Indonésios), dentro de um Território subdividido em 6 sectores (regiões). Esta situação possibilitava uma guerra de posição.

Porém após as grandes campanhas de cerco e aniquilamento lançadas pelas tropas Indonésias, veio alterar o cenário da guerra em Timor-Leste. Com a ausência de apoio militar à resistência armada e com sucessivos operações de limpeza (operação Seroja, Operação Kikis, etc.), veio reduzir de facto a capacidade efectiva e bélica das FALINTIL, obrigando estes adoptar uma guerra de movimentos, obedecendo desta forma uma estratégia de guerra *duro* e prolongada, dando início a organização da FRENTE CLANDESTINA.

## - FRENTE/RESISTÊNCIA CLANDESTINA.

A Resistência Clandestina é um componente chave da Resistência na sua totalidade e faceta complementar da Resistência Armada ambos dissociáveis, devido da própria situação, contudo é preciso ter em conta que a Resistência Clandestina é impulsionada pela Resistência Armada.

Foi em 1980, é que a Direcção Política da Resistência Armada optou por criar Núcleos da Resistência Popular (NUREP,s), Células de Resistência Nacional (CERNAC), Milícia Nacional (MILN) Para Libertação Nacional, nas Zonas Brancas denominadas (ZEBRA).

Estes eram os primeiros órgãos da Resistência Clandestina e vieram a ser desmanteladas pelo aparelho da inteligência do ocupante, como consequência muitos membros foram executados, desterrados, detidos e julgados. Porém a Direcção Política da Resistência continuou a esforçar-se em reorganizar a Frente Clandestina, tendo na altura criada vários grupos de acção clandestina e Organização Clandestina da Resistência (OCR,s) em todo o território Nacional, composta por elementos Partidários e apartidários com articulação ao CNRM, isto é, vinculado a estrutura da Resistência Armada ~~como~~ disseminados em todo o território.

## - RESISTENCIA DIPLOMÁTICA.

A resistência interna é o factor determinante do processo, contudo hoje, estamos confrontados com uma nova política externa, porque surgem novos eixos a procura de espaço económico, surgem novos conflitos interétnicos, devido da explosão do sentimento nacionalista, <sup>nos Países do Leste, veio</sup> abafar a questão de Timor-Leste.

Portugal como potência administrante deixou cair muitas oportunidades, e se fossem aproveitadas poderiam alterar alias desbloquear o impasse existente no plano diplomático.

Devido do desleixo de Portugal, deu-se o incidente de "12 de Novembro de 1991 de Santa-Cruz", situação que acordou a boa consciência internacional, porém está a perder dimensão no plano diplomático e é evidente que não vai surgir sempre "12 de Novembros", agora cabe a Portugal como salvar a dignidade Nacional face aos erros da descolonização que atirou o Povo

"MAUBERE" para uma situação tão dolorosa.

Indonésia como potência ocupante ilegal está negociar a questão Timorense numa posição política de força, atendendo esta situação não basta promover jornadas, embora isto contribui apenas para sensibilização parcial da opinião pública Portuguesa é preciso que a solidariedade Nacional (Portuguesa) e Internacional, colabore activamente com a liderança Política Timorense, numa posição imparcial para evitar divergências desnecessárias e que qualquer tomada de posição possa compatibilizar com o curso da resistência.

Há uma necessidade de virar a atenção diplomática também para o plano interno (Timor-Leste). É urgente reforçar a resistência no plano interno, devido do esmagamento das estruturas da luta que dificilmente foram criadas com esforços gigantescos ao longo destes últimos anos e adoptar uma estratégia de acção comun, no plano diplomático e no plano INTERNO.

\* A convergência Nacionalista é uma plataforma de entendimento necessário, mas não tem carácter exclusivo na solução do problema, é necessário criar mecanismos necessários que possibilitem uma maior eficiência na nossa acção quer no plano Diplomático quer no plano Interno.

\* A UDT como força Nacionalista, quer outras forças nacionalistas, deve criar espaço de acção próprio, para permitir uma cooperação política sólida. Porque uma força nacionalista, só é força política quando se empenha activa e organizadamente no processo para manter a sua existência e autonomia política face a outras forças políticas, *porque...* sem isto não passa de uma força oportunista e um satélite sem uma estratégia traçada e um projecto político definido.

Portugal deve dar maior atenção ao problema e apoiar "directamente" a resistência, porque o problema de Timor-Leste é um problema Nacional.

- "POPULAÇÃO RENDIDA."

-----  
Ouve-se muito falar no exterior de "População Rendida"...

No interior de facto existe uma parte maioritaria que em 1975 evadiu para o mato, subindo as montanhas, isto é, ficaram ao lado das FALINTIL que na altura era o braço armada da FRETILIN

e uma parte que não subiu as montanhas ficando sujeito ao controle do invasor, porém depois da queda das bases de apoio em 1978/1979, devido das campanhas de cerco e aniquilamento feitas pelas tropas ocupacionistas, a parte que subiu as montanhas, foi obrigado entregar-se, isto é, passaram para as zonas ocupadas, mas contudo isto não significa uma "aceitação da integração" porque a Frente Clandestina nasceu e cresceu a partir deste estrato que ganhou a consciência nacionalista e patriótica nas montanhas.

Portanto é um erro considerarmos "população rendida", porque a Rendição traduz a Derrota, quando na realidade a população de Timor-Leste "aceita" mais uma vez ser reprimida, mas não derrotada.

-JUVENTUDE TIMORENSE.

Sem margem para dúvidas, hoje a luta pertence também uma nova geração, geração esta criada pela dor da repressão e gerado pelo calor da luta, motivada pela consciência patriótica e nacionalista e movida sob o signo de unidade na acção, para libertação de Timor-Leste e sob a Direcção do CNRM.

No incidente de 12 de Novembro de 1991, foi esmagada brutalmente a linha da Frente Juvenil pelas tropas da ocupação, mas a juventude na sua generalidade se mantém determinada na luta pela causa sagrada que *já custou entes de milhares de vidas*. Portanto cabe a Nós disseminados pelo mundo fora tomar iniciativas de fora (exterior) para dentro (interior) porque não pode ~~sucedee~~ sempre massacre para nos motivar. É preciso tirar lições ao longo deste processo tão duro, pois a luta de libertação deve<sup>ser</sup> transportada ombro a ombro quer por Nós os Timorenses afectados directamente pela ocupação indonesia quer por Portugal responsável jurídico e moral pelo destino de Timor.

Amadora, 12 de Março de 1992.-

P'lo

*Adalberto dos Santos Fernandes Alves*

(Adalberto dos Santos Fernandes Alves)